

## CIDADE, ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO: AS REPRESENTAÇÕES DA CULTURA MARACÁ EM BELÉM

Taynara Soares do Nascimento Sales<sup>1</sup>

### Resumo

Existe uma grande influência das culturas arqueológicas presentes na região amazônica, no âmbito metropolitano. As mais reproduzidas, através de réplicas, são as cerâmicas das culturas marajoaras, tapajônicas e maracá. Alguns exemplares de artefatos arqueológicos dessas culturas estão salvaguardadas no MPEG, através de várias escavações arqueológicas durante a existência do Museu. A representação dessa estética do passado se legitimou com a atuação do Mestre Raimundo Cardoso, considerado o primeiro ceramista que deslumbrou o potencial da coleção arqueológica do Museu Paraense Emílio Goeldi. Essas representações do passado estão cada vez mais expostas na cidade de Belém, através da identidade cultural arqueológico estabelecido durante décadas. A ideia central é saber se os espaços museológicos/expositivos estão contribuindo ou com a divulgação e identidade cultural arqueológica.

Palavras-chave: Arqueologia Contemporânea; Urnas Maracá; Arqueologia Amazônica; Identidade; Patrimônio Arqueológico.

---

<sup>1</sup> Museóloga e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia/Universidade Federal do Pará. email: taynsales@gmail.com



## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. A Arqueologia em Belém do Pará e sua Representatividade

Na capital do Estado do Pará, há uma grande confecção de cerâmicas, baseadas em características chave de algumas culturas indígenas. Na comunidade do bairro do Paracuri (Icoaraci, Belém) existe um dos principais polos oleiros/ceramista da Região Norte, localidade conhecida principalmente por produzir cerâmicas com influência das culturas arqueológicas do Pará, onde se destacam as culturas: Marajoara, Tapajônica, Maracá, dentre outras não tão representativas (Melo, 2012), e que podemos ver pela cidade em linhas de ônibus da cidade e/ou em acessórios como joias confeccionadas na cidade e fora dela.

Dentro do contexto de grandes expedições e arranjos de acervos arqueológicos, no final do século XIX, que as coleções provenientes da Amazônia passam a ter uma grande visibilidade científica ao redor do mundo. Segundo Linhares (2015), esses materiais arqueológicos chamaram atenção de cientistas, artistas e do público geral por conta de sua beleza estética, técnicas de manufatura e decoração, ganhando destaque e sendo representado de diversas formas em todo o Brasil.

Para Schaan (2006, p. 20), “essa identidade remota conferida ao produto contemporâneo vem dessa maneira ‘agregar valor’ ao objeto comercial, dentro da lógica capitalista”, pois, na década de 70 se iniciou uma grande confecção de produtos cerâmicos, inspirados nos motivos indígenas nos objetos arqueológicos. A produção e comércio desses produtos vêm crescendo e as diferentes culturas vêm se fundindo.

Dentre as coleções existentes no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), estão as urnas Maracás que foram encontradas pelo naturalista Domingos Ferreira Penna, quando explorava a região sudeste do atual Estado do Amapá, a partir de 1871. As mais reproduzidas, através de réplicas, são as cerâmicas das culturas marajoaras, tapajônicas e maracá. Alguns exemplares de artefatos arqueológicos dessas culturas estão salvaguardados no Museu, através de várias escavações arqueológicas durante a existência do Museu. A representação dessa estética do passado se legitimou com a atuação do Mestre Raimundo Cardoso, considerado o primeiro ceramista que deslumbrou o potencial da coleção arqueológica do MPEG (Sales & Barbosa, 2015).

## 2. DISCUSSÃO

Essas urnas funerárias, apesar de serem provenientes do Estado do Amapá, possuem grande representação de identidade paraense. Na capital do Estado, há uma grande confecção de cerâmicas, baseadas em características chave de algumas culturas indígenas. Na comunidade do bairro do Paracuri (Icoaraci, Belém) existe um dos principais polos oleiros/ceramista da Região Norte, localidade conhecida principalmente por produzir cerâmicas com influência das culturas arqueológicas do Pará, onde se destacam as culturas: Marajoara, Tapajônica, Maracá, dentre outras não tão representativas (Melo, 2012).



Além das cerâmicas produzidas de cunho comercial, há uma vasta representação das cerâmicas de culturas indígenas pela cidade, exemplo disso são as réplicas de urnas funerárias Maracá que estão localizados em frente à Escola Municipal Liceu de Artes e Ofícios, em Icoaraci, ou mesmo na Praça Kennedy.

Assim, percebe-se como patrimônio local, porém como afirmar e legitimar tal identidade de pertencimento local, sendo que a cultura Maracá tendo características singulares, a comunidade relaciona a mesma com a cultura Marajoara, e até que ponto, no imaginário da população belenense, a cultura Maracá se aproxima da Marajoara? A prerrogativa dessa pesquisa se inicia com estas indagações.

### 3. RESULTADOS PARCIAIS

As culturas arqueológicas da região amazônica possuem suas peculiaridades uma em relação à outra, que vão além das diferentes etnias, como: localização, motivos de pintura e decoração distintos, etc (Melo, Azulai & Sales, 2013). Mas todas elas estão inseridas dentro da espetacularização do exótico, do belo como artefato, o que até pode ser algo natural para a população de Belém, que já está acostumada com a exposição da cultura arqueológica pela cidade.

A cidade e o país se apropriam dos motivos e estéticas arqueológicas para reafirmarem lugares de pertencimento (ou de recusa, em alguns casos). Temos o exemplo das cerâmicas marajoaras como símbolos da cultura material da região norte, isso se deve ao fato de a cerâmica marajoara ter um destaque internacional, por toda a carga de “beleza exótica” aqui supracitada. Segundo Linhares (2015) “para o ‘olhar estrangeiro’, a Amazônia é vista muitas vezes como lugar dos índios Marajoara, o que inviabiliza as centenas de outras etnias indígenas da região.”.

O que chama atenção na representação arqueológica na paisagem de Belém é justamente pensar na questão identidade-território, já que as urnas funerárias em questão têm sua origem onde atualmente é o Estado do Amapá, mais precisamente na região do Igarapé do Lago. Claramente há um marcador territorial nas representações de artefatos arqueológicos em Belém, pois é muito comum encontrarmos diversas outras culturas esteticamente representadas em réplicas ou em produtos que possuem inspiração em peças arqueológicas, mas que não foram encontradas na região da capital ou em seu entorno.

### Referências

- Daglish, Lalada. 1996. *Mestre Cardoso: a arte da cerâmica amazônica*. SEMEC, Belém.
- Gomes, D. M. C. 2012. O perspectivismo ameríndio e a ideia de uma estética americana. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, 7(1), p.133-159.
- Guapindaia, V. A. 2001. Encountering the Ancestors: The Maracá Urns. In: McEwan, Colin, Barreto, C. & Neves, E. (eds). *Unknown Amazon*. **British Museum Press**, p. 156-173.
- Linhares, A. M. Alves. 2015. *Um grego agora nu: índios Marajoaras e identidade nacional brasileira*. Tese de Doutorado. FAHIS/UFPA.



Machado, A. L. C. 1991. *As tradições ceramistas da bacia amazônica: uma análise crítica baseada nas evidências arqueológicas do médio rio Urubu (AM)*. 1991. 1v., il. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife.

Melo, D. J.; Azulai, L. C. O.; Sales, T. 2013. *Corpos do passado e suas representações: um ensaio sobre a cultura Marajoara e Tapajônica e a Cidade de Belém, PA*. In: Anais do Fórum Bienal de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará.

Penna, D. S. F. 1877. Apontamentos sobre os Cerâmios do Pará. *Archivos do Museu Nacional*. Vol. 2, Rio de Janeiro, p. 47-67.

Sales, T.; Barbosa, C. 2015. Análise iconográfica das urnas funerárias Maracá – coleção AP-MZ-27: Gruta do Pocinho. *Relatório PIBIC/CNPQ- Seminário de Iniciação Científica*. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém.

Sanjad, N. 2010. *A coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém, 2004. Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. 496 p.: il.

Shaan, D. P. 1997. *A linguagem iconográfica da cerâmica marajoara: um estudo da pré-história na ilha do Marajó (400-1300 AD)*. Coleção Arqueologia n. 3. Porto Alegre, EDIPUCRS.

Shaan, D. P. 2006. Arqueologia, Público e Comodificação da Herança Cultural: o caso da cultura marajoara. In *Revista Arqueologia Pública*, São Paulo, nº 1, 2006, pgs. 31-48.

